

ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DO GENOCÍDIO DA JUVENTUDE NEGRA NUM MUNICÍPIO DO RECÔNCAVO DA BAHIA

Ícaro Ferreira da Silva; Jéssica Goés da Silva; Manuela Pinheiro dos Santos; Edna Consuêlo Lisboa
Pinheiro Santos; Denize de Almeida Ribeiro

*Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB icaro.f.s@hotmail.com; jeelgoes22@hotmail.com;
manuelapinheiros@outlook.com; consuelo_renascere@hotmail.com; ialode28@hotmail.com*

Resumo

O presente artigo tem por objetivo relatar a vivência de um projeto de extensão organizado pelo NEGRAS – UFRB em parceria com o coletivo local Quinta Esquina, em um bairro periférico da cidade de Santo Antônio de Jesus. Trata-se de um relato de experiência de um evento realizado no bairro Alto Santo Antônio, em Santo Antônio de Jesus – BA. O encontro foi marcado por duas etapas: uma mesa de abertura, pela manhã; e oficinas, pela tarde, ele ocorreu entre jovens negros da comunidade, estudantes da UFRB, representantes do coletivo Quinta Esquina e do Reaja. Tal evento trouxe como resultado um momento de formação pros jovens, fortaleceu os laço com a universidade, agendamento de reuniões futuras e mais visibilidade para outros projetos. Com base nisso, conclui-se que esses encontros são importantes para a formação dos jovens negros, para dar apoio e visibilidade à essa população marginalizada, assim como proporcionar espaço para que a mesma seja ouvida.

Palavras-chave: genocídio, jovens negros, masculinidade, encontro, formação

INTRODUÇÃO

A juventude negra brasileira, sobretudo a periférica, continua sendo vítima de um processo de exclusão social, omissão estatal e uma ampla gama de violências. A violência contra jovens negros e pobres atingiu índices de mortalidade semelhantes ao de países em guerra. Esses dados corroboram com a ideia de que há uma política de extermínio da juventude negra periférica (BENTO, 2005).

As iniquidades históricas observadas entre brancos e negros no que tange o acesso aos serviços de educação, saúde, trabalho, justiça e, além disso, os papéis sociais racializados que animalizam e/ou hipersexualizam o corpo negro são exemplos de uma série de violações que o jovem negro sofre gradualmente até culminar na consumação da sua morte física. É a juventude negra o principal alvo

da violência urbana, violência sexual, da criminalidade violenta e da violência policial (BENTO, 2005).

O racismo tem uma estrutura tão fortalecida que faz com que seja possível manipular o comportamento das pessoas negras e não negras. Os corpos negros são constantemente mostrados de maneiras estereotipadas pela mídia, principal mantenedora do sistema racista. Os homens negros são sempre aqueles mais dispostos para algum ato que infrinja a lei e/ou para o ato sexual, são os que agem por instinto e não conseguem se controlar. “Mesmo que tente se desvincular do seu pertencimento racial, seu corpo é aprisionado em um “esquema histórico-racial” que lhe confere o lugar do ‘Outro’ (FANON, 1967, p. 112).

Para bem ilustrar, em diversos programas de TV, como por exemplo o Cidade Alerta exibido pela Record TV, e nos jornais impressos, diariamente nos confrontamos com notícias de violências acompanhadas de comentários escritos ou falados que desumanizam o acusado que na maioria das vezes é um homem negro. A intenção é tornar toda pessoa que possua essas características um selvagem, causando medo na sociedade. Sendo assim o estado ganha carta branca para “eliminar o perigo” sem qualquer comoção social. “Neste regime de representação, sustento, a desumanização discursiva praticada pela mídia de massa deve ser lida como uma forma de violência simbólica que legitima e informa as práticas de subordinação e dominação física” (ALVES, 2016, p. 60).

Entre os anos de 2002 e 2012 o número de homicídios de jovens brancos no Brasil caiu de 32,3% enquanto entre os jovens negros foi possível observar um aumento de 32, 4%. Para cada jovem branco que é assassinado no país foram também assassinados aproximadamente outros três jovens negros. (WASELFISZ, 2014)

As disparidades encontradas nos números de morte de jovens negros e jovens brancos denunciam a condição de assalto à vida negra. Tal fenômeno é possibilitado através do papel estatal no decurso da intensificação do genocídio de base racial e do processo de desumanização do homem negro, relegando a este a figura do inimigo e atrelando a construção social da masculinidade negra signos da violência, pobreza e bestialidade. (PINHO, 2014)

O estado da Bahia no ano de 2012 registrou uma taxa de 28, 9 homicídios a cada 100 mil habitantes na sua população jovem branca, dentre a população jovem negra o número apresenta um salto para 105, 6 (WASELFISZ, 2014). No ano de 2015 a polícia baiana apresentou o número de 299 mortes decorrentes de intervenção policial (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2016). É fato, há uma série de privilégios na masculinidade, e até mesmo na masculinidade negra quando comparado ao lugar que as mulheres negras ocupam na sociedade, mas, esses privilégios não

salvaguardam a vida dos homens negros, não garante direitos, e nem os colocam em pé de igualdade com as pessoas não negras. São por todas essas questões que a luta, e as denúncias sejam elas escritas, declamadas, encenadas se fazem necessárias. (ALVES, 2016, p. 66).

Nessa perspectiva o presente estudo tem por objetivo relatar a experiência compartilhada no evento Hip Hop nas Quebradas, o qual surgiu como uma intervenção em conjunto com o projeto de extensão Genocídio Negro: Impactos na Saúde das Mulheres Negras do Recôncavo da Bahia. O evento buscou criar, planejar e aprimorar estratégias de resistência, denunciar e combater a agenda genocida, através da construção de aparatos que possibilitem a preservação da vida, a sobrevivência a conflitos e a construção de uma rede de proteção, cooperação comunitária num território periférico da cidade de Santo Antônio de Jesus - BA.

As mortes em massa dos jovens negros, principalmente periféricos são naturalizadas. Diante do exposto, é notória a necessidade de denunciar o genocídio negro, o que também é proposto no presente relato.

MÉTODO

Este estudo consiste em um relato de experiência vivenciado pelos discentes vinculados ao projeto de extensão do Núcleo de Estudos em Gênero, Raça e Saúde (NEGRAS), do Curso de Graduação em Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, campus Santo Antônio de Jesus, na data de 23 de abril de 2017.

Inseridos numa sociedade estruturada através de uma perspectiva racializada vil que animaliza o corpo dos jovens negros, e devido a este processo, legitima as mortes desses sujeitos, foi construído por meio de uma articulação entre o NEGRAS, o coletivo de hip hop Quinta Esquina e a sociedade civil um momento de formação com diferentes abordagens metodológicas: o “Hip Hop nas Quebradas”. Este foi um encontro realizado na cidade de Santo Antônio de Jesus, localizado no território de identidade do Recôncavo da Bahia, num bairro periférico do município chamado Alto do Santo Antônio. A atividade supracitada foi organizada pelos discentes vinculados ao projeto “Genocídio Negro: Impactos na Saúde das Mulheres Negras do Recôncavo da Bahia do NEGRAS”, sob a coordenação da Prof^a Denize de Almeida Ribeiro com a colaboração do Coletivo Quinta Esquina coordenado por Val Souza.

Para iniciar a construção do evento de formação foi realizada uma reunião onde ficou acordado que ele estaria estruturado em duas etapas: rodas de conversa seriam realizadas durante a manhã

enquanto as oficinas e intervenções artísticas concentrariam o turno vespertino. Foi decidido também que o evento ocorreria no dia 23 de abril de 2017.

Posteriormente buscou-se um espaço aberto no bairro para desenvolver as atividades propostas e o Centro Comunitário do Alto do Santo Antônio foi escolhido para a realização da formação. Paralelamente a esta pesquisa também foram realizadas visitas a escolas, creches e um grande número de casas com o propósito de convidar os moradores para participar desse momento.

O “Hip Hop nas Quebradas” aconteceu no dia 23 de abril de 2017, as atividades foram iniciadas às 9 horas da manhã no centro comunitário do bairro. No espaço foi promovido uma mesa de abertura e logo após foi iniciado uma roda de conversa que possibilitou a troca de experiências entre a universidade, sendo representada pelo NEGRAS, o Coletivo Quinta Esquina e a comunidade do Alto do Santo Antônio, tendo como principal ponto de pauta o genocídio da juventude negra, sendo que este ocorre desde a negação de um direito até morte física de fato, a qual por muitas vezes é protagonizada pelo braço armado do estado. O almoço estava marcado para às 12:00 horas, entretanto, o evento se estendeu para além do pretendido e a pausa foi feita uma hora após o programado.

Durante a tarde as atividades foram voltadas para crianças e adolescentes, onde foram montadas caixas de som no passeio do Centro Comunitário e num muro ao lado, cedido por uma moradora do bairro, as crianças construíram grafites. Durante esse período também aconteceu oficina de rimas, de turbante e de graffiti, todo material utilizado foi cedido pelo Coletivo Quinta Esquina, assim como os profissionais mediadores. O evento foi finalizado às 16:00 horas por Val Souza que agradeceu a todos os presentes e colaboradores.

RESULTADOS

Durante a realização do evento foi percebido pelos participantes a necessidade da elaboração de outros momentos de formação, sobretudo com uma maior participação da população jovem do bairro, para que seja possível construir, suscitados por esta aproximação iniciada, uma rede capaz de fortalecer e criar novas estratégias para a compreensão e o enfrentamento do genocídio de base racial vivenciado no bairro Alto do Santo Antônio. Isto porque chamou atenção o fato de que as maiores vítimas da política de extermínio no bairro era a juventude negra, sendo os homens os representantes da maior parcela de vítimas.

A criação e estruturação de uma rede de apoio às vítimas do genocídio negro no Recôncavo da Bahia mostrou-se uma necessidade urgente, para que isto fosse possível, foram agendadas reuniões

com o objetivo de mobilizar e articular universidade, sociedade civil e equipamentos sociais para a efetivação desta rede.

Foi percebida também a necessidade de investigar, compreender, pesquisar, publicar e denunciar de maneira crítica e sistemática os conflitos, fenômenos, violências que emergiam das falas dos moradores do bairro durante a realização da roda de conversa (figura 1). As violências identificadas nessa roda denunciavam a existência de uma atividade genocida de base racial no Recôncavo da Bahia. Diante disto o NEGRAS assumiu o compromisso de atender esta demanda através da elaboração de um projeto de pesquisa com o objetivo de realizar o levantamento e acompanhamento da incidência e prevalência das mortes violentas entre jovens, mulheres e comunidade LGBT dentre a população negra do Recôncavo da Bahia.

As intervenções artísticas e culturais foram avaliadas de forma positiva, as crianças participaram constantemente das atividades propostas (figura 2). Este dispositivo se revelou uma interessante estratégia político-pedagógica de empoderamento da população do Alto do Santo Antônio.

A realização deste evento possibilitou um estreitamento dos laços entre a UFRB, os movimentos sociais atuantes na região e a comunidade que vive no bairro alto do Santo Antônio. Tal movimentação se constitui e reitera um compromisso da UFRB e do NEGRAS com a realização de atividades acadêmicas que assumam compromisso social com as realidades do nosso território.



Figura 1. A roda de conversa



Figura 2. Atividades artísticas e culturais

DISCUSSÃO

Os jovens do Alto Santo Antônio assim como outros jovens moradores de áreas periféricas, sofrem diversos tipos de violências, sendo estas muitas vezes protagonizadas pela ação da Polícia Militar, ações essas invisibilizadas por um sistema racializado que tende a proteger o braço armado do estado. Esse comportamento faz parte da realidade de muitos residentes no bairro Alto Santo Antônio, já que alguns moradores relataram que necessitam omitir, em alguns momentos, o seu endereço de origem para se inserirem no mercado de trabalho.

É muito importante ressaltar que essa segregação sócioespacial sofrida pelos moradores e em particular pelos jovens dessa localidade quando se trata de emprego e lazer, é um dos fatores que implicam na marginalidade e no aumento da violência no bairro (SILVA, 2011). Perpetua-se então um ciclo de pobreza, que num modelo societário capitalista, racista e neoliberal, acaba contribuindo para a desvalorização da vida negra. (VIDAL, 2015)

Investigar o fenômeno de extermínio de jovens negros no bairro Alto do Santo Antônio perpassa também uma análise da construção da masculinidade negra. Uma vez que a construção da identidade negra masculina foi construída de maneira dicotômica a imagem da masculinidade branca, e por isto, o corpo negro foi marcado por discursos que lhe inferiorizaram. A masculinidade

negra é marcada também por uma objetificação que lhe impôs uma categorização marcada, principalmente, com base nos seus atributos físicos e sexuais, num claro processo de animalização (SOUZA, 2017). A identidade desse homem jovem negro é marcada pela truculência, virilidade, hipersexualização, antiintelectualidade e hipermasculidade que vai cristalizar um modelo de masculinidade negra marcada pela violência, neurose, incapacidade e grosseria (HOOKS, 2004).

A rede de significações sobre o corpo negro foi formulada culturalmente, correspondendo à necessidade de se estabelecer um modelo do que é desejável. A partir desse modelo é que se constituiu socialmente sobre o “corpo negro” o repertório do execrável, ou seja, do inaceitável, ao mesmo tempo que se investiu a representação do “corpo branco” relacionando-o a atributos morais e intelectuais tidos como puros, belos e sagrados. (NOGUEIRA, 1998 apud. FERNANDES, 2016)

A construção dessa masculinidade negra distorcida pelos discursos de ódio, dominação e opressão do colonizador acabou resultando na construção de uma representação social bestial do homem negro. Este é um elemento que nos ajuda compreender, ainda que parcialmente, os fenômenos de violência vivenciados em comunidades periféricas como o bairro Alto do Santo Antônio porque a ideia compartilhada pela sociedade de que o homem negro é um ser desumanizado vai influenciar diretamente na relação entre os negros e brancos, podendo também, passar a ser justificativa para que sob este corpo sejam incididos e aceitados processos as violências (FERNANDES, 2016).

Sendo assim, as formações voltadas para jovens, solicitadas pela comunidade tem por intuito, pensar formas de minimizar essas séries de violências e violações de direitos sofridas sobre tudo pela juventude masculina e negra.

CONCLUSÃO:

Ao analisarmos o quadro de genocídio da população negra brasileira como também o da Bahia, percebemos que os jovens do bairro Alto Santo Antônio, por ser de maioria negra e residirem na periferia da cidade, vivem em um contexto de vulnerabilidade político social. Por isso, proporcionar frequentemente encontros como esses, que discutam essa pauta, mecanismos de combate e proteção contra ela, assim como de prevenção e promoção da vida, se fazem de extrema importância para a comunidade.

Juntamente com essas demandas, percebe-se a carência da população por dispositivos de apoio às mães, famílias e aos amigos que sofrem pela perda de algum dos seus familiares ou conhecidos. Como também, é notória a necessidade de incentivos para continuar buscando justiça por essas mortes que já os atingiram.

Para contribuir com esse cenário, o bairro trabalhado e examinado é negligenciado pelo Estado e excluído socialmente, o que contribui para o sentimento de abandono e solidão dessa população a qual necessita de atenção e equidade dos governantes e um olhar mais empático da população da cidade em geral. Um exemplo prático de como trazer benefícios para essa população seria a instalação do programa de Redução de Danos, “A promoção de estratégias e ações de redução de danos, destinadas para a saúde pública e direitos humanos, deve ser organizada de maneira articulada inter e intra-setorial, visando à diminuição dos riscos, das consequências adversas e dos danos associados ao uso de álcool e outras drogas para a pessoa, a família e a sociedade” (BRASIL,2014), o que não existe no bairro e os moradores veem como um dos aparatos para viabilizar a preservação da vida e a sobrevivência a conflitos.

REFERÊNCIAS:

- BENTO, Maria Aparecida Silva; BEGHIN, Nathalie. Juventude negra e exclusão radical. 2005.
- FERNANDES, Viviane Barboza; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. Rev. Inst. Estud. Bras., São Paulo , n. 63, p. 103-120, Abril. 2016 .
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (São Paulo). Anuário Brasileiro de Segurança Pública. 10. ed. São Paulo: Fundação Ford, 2016. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/storage/10_anuario_site_18-11-2016-retificado.pdf>. Acesso em: 16 maio 2017.
- HOOKS, Bell. We real cool: Black men and masculinity. Psychology Press, 2004.
- NOGUEIRA, Isildinha Baptista. Significações do corpo negro. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.[Links], 1998.
- PINHO, O; VARGAS, J. Antinegitude : o impossível sujeito negro na formação social brasileira. Cruz das Almas : EDUFRB; Belo Horizonte : Fino Traço, 2016. 235 p. : il. (Coleção UNIAFRO; 15).
- PINHO, Osmundo. O Fantasma do Estado: Genocídio e Necropolítica. 2014. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/o-fantasma-estado-genocidio-e-necropolitica/>> Acesso em: 16 maio 2016.
- SOUZA, Henrique Restier da Costa. O mal-estar da masculinidade negra contemporânea. 2017. Disponível em: <<http://justificando.cartacapital.com.br/2017/08/16/o-mal-estar-da-masculinidade-negra-contemporanea/>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

VIDAL, Eliabe Ribeiro. A desvalorização da Vida Negra: uma violência simbólica com consequências reais. 2015. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/a-desvalorizacao-da-vida-negra-uma-violencia-simbolica-com-consequencias-reais/>>. Acesso em: 15 jun. 2017

WASELFISZ, Julio Jacobo. Os jovens do Brasil: mapa da violência 2014. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.